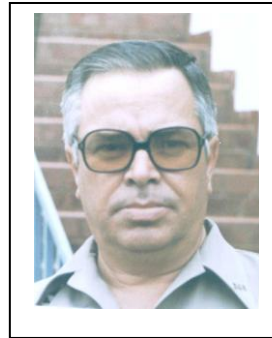


FHE **POUPEX**

“UM CANGUÇUENSE NA PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE”



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Digitalização de trabalho do autor para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB em Livros e Plaquetas no sites da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa para ser integrada no Programa Pérgamum de bibliotecas do Exército

Revivendo o Passado

“UM CANGUÇUENSE NA PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE”

Archymedes Fortini

Com a epígrafe “Um Canguçuense Na Praça Da Matriz De Porto Alegre” , o major Cláudio Moreira Bento, natural de Canguçu, enviou-nos uma colaboração sobre o saudoso professor André Leão Puente, que com o professor Inácio Montanha, manteve por muitos anos, nesta capital, a ESCOLA BRASILEIRA, que funcionava em um prédio da rua Duque de Caxias.

Cooperou ela na formação de várias gerações de jovens que, mais tarde, vieram se destacar em altos cargos da administração do Estado e outras funções públicas e particulares dentro as quais vivo, ainda, o Dr. Walter Jobin, ex-governador do Estado, que se encontra recolhido à vida privada cercado da estima e consideração de todos os rio-grandenses.

O major Cláudio Moreira Bento é, também, o autor de uma série de artigos que publicamos nessa seção sob o título “PELOTAS E O FUNDADOR DO JORNALISMO BRASILEIRO” (Hipólito Costa, também filho de Canguçu).

Esses trabalhos tiveram larga repercussão em toda a imprensa do País, tendo, não só jornais, como associações e sindicatos de jornalistas, sugerindo a idéia de se trazer para o Brasil, como parte das celebrações de 150 anos de nossa Independência, restos mortais de Hipólito José da Costa (1774-1823).

Eis o que escreveu o major Cláudio Moreira Bento, que tendo cursado a antiga ESCOLA PREPARATÓRIA DE PORTO ALEGRE é autor de grande número de trabalhos históricos, de larga divulgação em todos os pontos do país:

“Percorrendo-se a Praça da Matriz, em Porto Alegre , depara-se com um busto contendo no granito que o sustenta a seguinte inscrição:

“André Leão Puente, Morto, vive no coração de seus alunos 11-4-1855”

Quem foi André Leão Puente, para merecer tão grande homenagem dos alunos, no mais importante logradouro do Rio Grande do Sul, ao lado do majestoso monumento erigido, 1906, em memória de Júlio de Castilhos, e defronte ao Palácio Piratini. Assembléia Legislativa e Catedral metropolitana? André Leão Puente era natural de Canguçu, filho de simples mas honrada família. Nasceu na sede da então Freguesia de Canguçu elevada condição de vila em 1857, dois anos após seu nascimento, em 11 de abril de 1855. Em Canguçu passou sua infância, tendo freqüentado a aula régia para meninos sob a direção do primeiro professor do município, Joaquim Antônio Bento.

Seu professor, impressionado com a excepcional aplicação de seu discípulo, encaminhou-o para a ESCOLA NORMAL DE PORTO ALEGRE, destinada aos jovens de talento que não dispuseram de recursos financeiros para cursar uma Academia.

Munido de um atestado de pobreza fornecido pelo vigário José Joaquim Fontes e de uma recomendação de seu mestre, o jovem André deixou Canguçu

rumou a Porto Alegre. Durante o curso, dedicou-se de maneira inexcedível aos estudos adquirindo em breve uma sólida cultura profissional e geral.

Ao diplomar-se, foi nomeado professor público em sua terra natal, a vila de Canguçu. Sua permanência ali foi muito breve, logo em seguida, em reconhecimento aos seus excepcionais dotes como professor, foi transferido para Bagé, para um cargo superior. Em 1894, após assistir em Bagé aos horrores da malfada Revolução Federalista de 1893, pediu demissão ao serviço público e retornou a Porto Alegre. Ali passou a lecionar na ESCOLA BRASILEIRA, onde se destacou como excelente professor, de Português e Geografia, tendo dirigido o internato de da Escola até 1900.

Durante todo o tempo em Porto Alegre e até 1895 dedicou-se à produção de um livro didático de Português, calcado nos mais modernos métodos pedagógicos alemães aprendidos com o professor Eduardo Willelmy, natural de Stetin, Alemanha, que possui uma escola em Pelotas e que, por ocasião da Revolução de 93, radicou-se em Canguçu - na Flórida - como professor e fotógrafo.

Sua obra, intitulada “GRAMÁTICA PORTUGUESA”, foi lançada no ano de 1895 e logo adquiriu vasta circulação pela grande recepção que despertou entre a juventude do Rio Grande do Sul, por sua clareza, pureza e objetividade.

Em 1895, apolítico, mas simpatizante da corrente federalista chefiada por Gaspar Silveira Martins, foi convidado para retornar ao serviço público.

Aceitando o convite, foi ocupar as cadeiras de história e geografia do COLÉGIO COMPLEMENTAR.

A par de seus deveres oficiais ministrava aulas particulares.

Em suas novas funções oficiais, confirmou-se o pedagogo sempre atendo aos progressos da pedagogia.

Achylles Porto Alegre que, em “HISTÓRIA POPULAR DE PORTO ALEGRE”, dedicou-lhe duas páginas, assim se referindo ao ilustre mestre filho de Canguçu: - *“Há homens que nunca morrem, apenas se ausentam fisicamente, estando sempre vivos no pensamento de com quantos com eles privaram em sua vida. Pertence a esse número André Leão Puente”, uma delicadeza aristocrática, seu trato era gentil e amistoso. A sua voz de uma doçura rara, tornava a sua palestra singularmente atraente. O seu olhar era suave e carinhoso, nenhum de seus alunos jamais o vira irritado. Seus alunos nunca esqueceram “o mestre admirável que lhes formou o espírito, o caráter e o coração”. Alguns adquiririam fortuna com a lição que receberam. O mestre porém morreu pobre, legando a família um nome honrado e impecável.”*

O professor, por mais pobre que seja, deixa sempre um grande legado aos que lhe ouvirem as lições. O tesouro da sabedoria é o tesouro dos tesouros.

Como justa homenagem a esse grande mestre foi dado ao grupo Escolar de Canguçu o nome de André Puente.

Posteriormente e inexplicavelmente, foi retirado do seu nome da escola e substituído pelo de Irmãos Andradas. E o seu passou a ser lembrado numa escola de Canoas. É uma retificação que se impõe”.